

Vida

Oferida
-0. NOV. 1998

242A

ANO I—N.º 4—12 DE JUNHO DE 1941—PREÇO: 1 ESCUDO

MUNDIAL

Ilustrada

SEMÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



O sr. eng. Rodrigues de Carvalho, presidente interino da Câmara Municipal de Lisboa, falando aos jornalistas durante o almoço oferecido pelo Município, na Tapada da Ajuda, quando da visita aos grandes melhoramentos da cidade—bases para o lançamento duma nova, arejada e bonita cidade.

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844

Uma página

da minha vida

por Maria Mattos

FILOSOFIA

Encontrei ontem, em plena rua do Ouro, um amigo a quem, neste momento, por comodidade de expressão, chamarei o dr. X. Este dr. X. é um homem que não envelhece. Tem, é certo, uma calva resplandecente, mas mesmo essa calva está longe de ser pelúcia: é apenas viçosa bonhomia. Durante muito tempo, confesso, atribui, em grande parte, a sua eterna jovialidade física e espiritual a determinadas circunstâncias que rodearam o seu nascimento. Na verdade, o dr. X nasceu em Mato, por consequência em plena primavera; nasceu a um domingo, por consequência em pleno descaño; nasceu ao som da música do Regimento de Infantaria 1, por consequência, em pleno «passado-dobles». Por estas razões, pensava eu, a sua existência, não obstante as naturais vicissitudes inerentes a toda a existência humana, reverteria-se sempre dessa risonha filosofia e dessa infalível resignação que constituem, de facto, a maior virtude da arte de saber viver. As razões, porém, eram outras e delas ontem tive conhecimento. O dr. X. adoptara, há muito, uma teoria de optimismo para uso próprio que lhe dava excelentes resultados: a chamada teoria do grande Sepúlveda — pela qual devemos sentir-nos felizes e agradecer à Providência mesmo as situações embaraçosas em que, por vezes, nos encontramos, lembrando-nos que ainda poderíamos ser muito pior... O dr. X. explicou:

— Se a maioria das pessoas conhece a sua teoria de optimismo, decerto a existência lhe correria melhor. «Nos momentos mais graves da nossa vida — é o afirmou — não devemos pensar naquilo que nos acontece, mas naquilo que nos poderia ter acontecido. Teoria baseada numa simplicidade leve e tocante e, apesar disso, ou por isso mesmo, de infalíveis resultados desavaneadores.

— O difícil, parece-me, e epitafista no momento oportuno...

— Engano. Se essa própria teoria nasceu precisamente da oportunidade dum momento!

Na névoa luminosa da tarde, a Lisboa elegante das cinco horas passava, saltitando, numa leveza de andorinha. Encostámo-nos à ombreira duma porta; acendemos um cigarro e, enquanto o fumo subia no ar, o dr. X. contou-me:

— Certo marido ao regressar inesperadamente a casa encontrou a mulher nos braços dum amigo íntimo. Passou-lhe uma sombra vermelha pelos olhos; foi ao escritório; tirou uma platina da gaveta da secretária; desfechou-a sobre a mulher e sobre o amigo; e voltando em seguida a arma contra si, deu um tiro na cabeça. Durante dias, este doloroso drama de família avorçou toda a cidade sentimental. Apenas Sepúlveda sorriu tranquilamente, torcendo o bigode: — «Paciência! Podia ser pior!» E explicou: — «Eu também tinha amores com essa senhora. Então se fosse eu o morto ultrajado não seria sido, de facto, muito pior?»

E o dr. X., despedindo-se de mim, exclamou:

— Em meia dúzia de palavras, meu amigo, estava lançada a teoria optimista do grande Sepúlveda, fonte do mais puro humorismo...

E afastámo-nos.

L. O. G.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA
Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00; 6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. — África: 12 meses (48 números) — 60\$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65\$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80\$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand. (Irmãos), L.^{da} — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º — Telef. 2 6942 — Lisboa

Visto pela Comissão de Censura

F

INHÁ eu saído do Conservatório havia pouco tempo. A minha estreia no teatro não fôra boa nem má. A peça, um poema em verso, não tivera um êxito por aí além.

Todavia, as pessoas que me olhavam, senão com simpatia, pelo menos com bons olhos, teimavam em reconhecer em mim qualidades apreciáveis para o teatro; a questão era encontrar peça em que eu me revelasse.

E foi então que um dia André Brun me apareceu. Acreditava êle também nos méritos desta actriz incipiente que, para mais, era tímida e acanhada, não lhe valendo, para se mostrar atrevida e audaciosa, o curso excepcionalmente premiado, a interpretação tão louvada das «Rosas de todo o ano», e os constantes vaticínios de mestres queridos.

Pensou André Brun em traduzir para mim um acto de André Theuriel, e, uma tarde, no palco do Nacional, que eu pisava com respeito e recolhimento, a tímida actrizinha que, de mais a mais, nada devia à formosura, vê aproximá-la de mim, pô-la debaixo do braço, um janota, pequenino, apertadinho, firmemente, de fato claro e cravo na lapela.

A peça para eu me revelar tinha aparecido, estava ali, e era êle, aquele rapaz espirituoso e inteligentíssimo, que me vinha confiar, trazendo-me a oportunidade da minha consagração! A mocidade é confiante! E o simpatiquíssimo Brun, tendo para lhe interpretar os belíssimos versos da sua cuidadíssima tradução a via láctea luzenta das estrelas do Nacional, lembrara-se de mim, da pobre pequena vestidinha de escuro, sem dengues, sem arrebiques, vivendo só para a sua Arte, para a sua Mãe e para os seus livros! Onde há aí palavras que comenem este acto heróico e benemérito de André Brun?!

A peça foi recebida no Nacional com o cepticismo do costume. Fervilharam a tropa, os risinhos e choveram os bons ditos a propósito de mim e dêle. E eu lá fui para a cena trêmula e recessa, como que a todos pedindo desculpa da minha irreverência. Tudo acabou bem. Houve até quem gostasse; o Brun mostrava-se satisfeito; eu, não.

Além de não fazer a mínima ideia do agrado da representação, acontecera-me uma coisa desagradabilíssima: eu tinha que cantar em cena uma balada triste e dolente. A música não era feliz, e eu, cheia de nervos, sem ninguém que me desse o tom, ataca-a a primeira nota numa tonalidade tão baixa que a breve trecho mais parecia estar a entoar o «De profundis», com grande gaúdio dos que no palco assistiam e não menos espanto, com certeza, dos que estavam na plateia. Tirando isto, parece que o espectáculo não corra mal.

O Brun, como bom militar, se não ganhara a batalha, também não considerava aquilo uma derrota, e não me faltou — generoso amigo! — com cumprimentos e parabens,

e palavras de carinhoso incitamento. Até aqui, vai tudo muito bem.

O pior foi quando, no dia seguinte, pessoa de família avessa à minha entrada para o teatro, me veio mostrar o que diziam de mim num dos jornais da manhã!

O meu desgosto não pode descrever-se. O crítico, homem ilustre, de posição em evidência, depois de descrever o que fôra a minha fúnebre actuação na peça, fazia a enumeração de todos os meus defeitos e total ausência de predicados, terminando por me aconselhar paternalmente a que recolhesse a penates, dando por bem paga a experiência feita e, como consolação, lembrava que, quasi sempre, a par da falta de geito para uma coisa, existe a disposição para outra, parecendo-lhe por tudo quanto em mim se via que eu deveria dar uma óptima dona de casa; e mostrava-me a satisfação tranqüila de eu experimentalista, sentada num cantinho discreto e simpático, passajando e compondo calcambares de peiga!

O golpe foi rude, como se pode calcular. Depois de passar metade do dia desfazendo-me em lágrimas, vi, à luz que se fizera no meu espírito, o caminho a seguir.

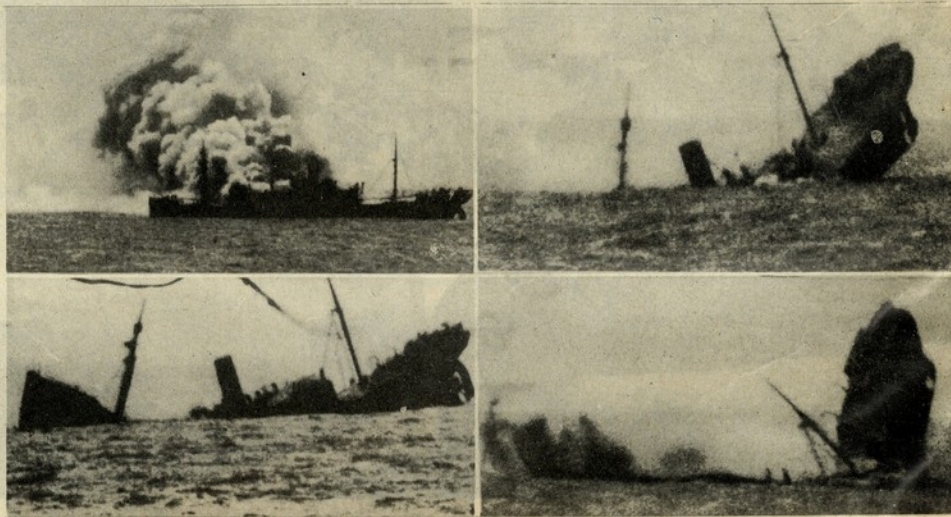
E, não sem mágoa, confesso, mas corajosamente, resolvi desaparecer da cena dêste mundo, já que na cena do outro fizera tão triste figura.

E, é claro, para que me substituisse, dei conta ao Brun dêste meu propósito. Ele olhou-me com estranheza, com olhos compassivos e cheios de admiração, não sei se pela candura da minha sinceridade, se pela clareza de vistas do crítico sincero, e depois dum momento de silêncio em que pareceu reflectir, exclamou:

— «Minha querida amiga, a sua resolução é nobre, se bem que um pouco violenta; e creia que eu teria muito gosto em acompanhá-la, mas o diabo é que, nesta altura, faz-me um bocadinho de transtorno. Porque não fazer um pouco? Bem vê, a todo o tempo é tempo de se fazer essa viagem e talvez então eu esteja mais livre.»

Acabei por me rir, é claro. Dias depois recebia eu uma longa carta dêle, sensata e amiga, em que a sua bondade me exortava a prosseguir com té no caminho enoetado, certo de que triunfaria. E prossegui; e cá estou.

Mais tarde, numa noite gloriosa para êle e para mim, ao descer do pano na última cena da «Vizinha do lado», quando ainda aos nossos ouvidos ressoavam quentes e vibrantes os aplausos com o público aclamar o nosso triunfo, foi alegremente que recordámos aquele episódio tragi-cómico da nossa vida artística. E com lágrimas de pura saudade que o recordo hoje, quando há tantos anos já que êle partiu sem que eu tivesse a cortesia de me oferecer sequer para o acompanhar, para essa viagem donde caminhante algum voltou ainda. E, quem sabe? Talvez voltemos a recordá-lo um dia, não sei bem em que estado de espírito, nesse país ignoto onde, fatalmente, nos viemos a encontrar!



A BATALHA DO ATLÂNTICO — Os quinze minutos que decorrem entre o torpedeamento e o afundamento de um barco



O CHEFE DO ESTADO assistiu às provas finais de educação física da Escola do Exército. Vêmo-lo, em cima, à esquerda, à sua chegada àquêl estabelecimento de ensino; e, à direita, no campo de jogos, assistindo aos exercícios, com os srs. generais Tasso de Miranda Cabral e Amílcar Mota e outros oficiais superiores.



O ACTOR LOUIS JOUVET fêz, no Teatro Nacional, uma interessante conferência sobre teatro e recebeu, na Legação da França, durante uma festa organizada pelo respectivo ministro, os cumprimentos de alguns artistas e jornalistas portugueses.



GRUPOS DE SENHORAS percorreram, mais uma vez, as ruas de Lisboa, vendendo emblemas da Assistência Nacional aos Tuberculosos, para angariar donativos destinados à simpática e humanitária obra daquela instituição de beneficência.



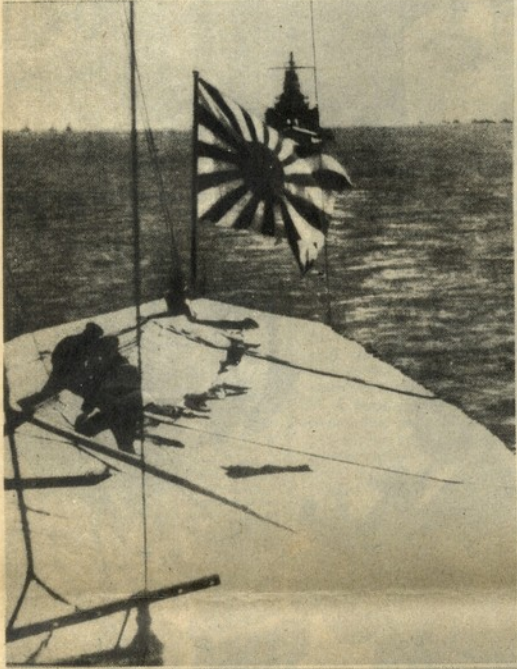
PORTUGAL. ZONA DE PAZ, dá agora refúgio a um grupo de crianças de diversas nacionalidades que gozam, entre nós, de um repouso merecido, livres dos horrores da guerra.



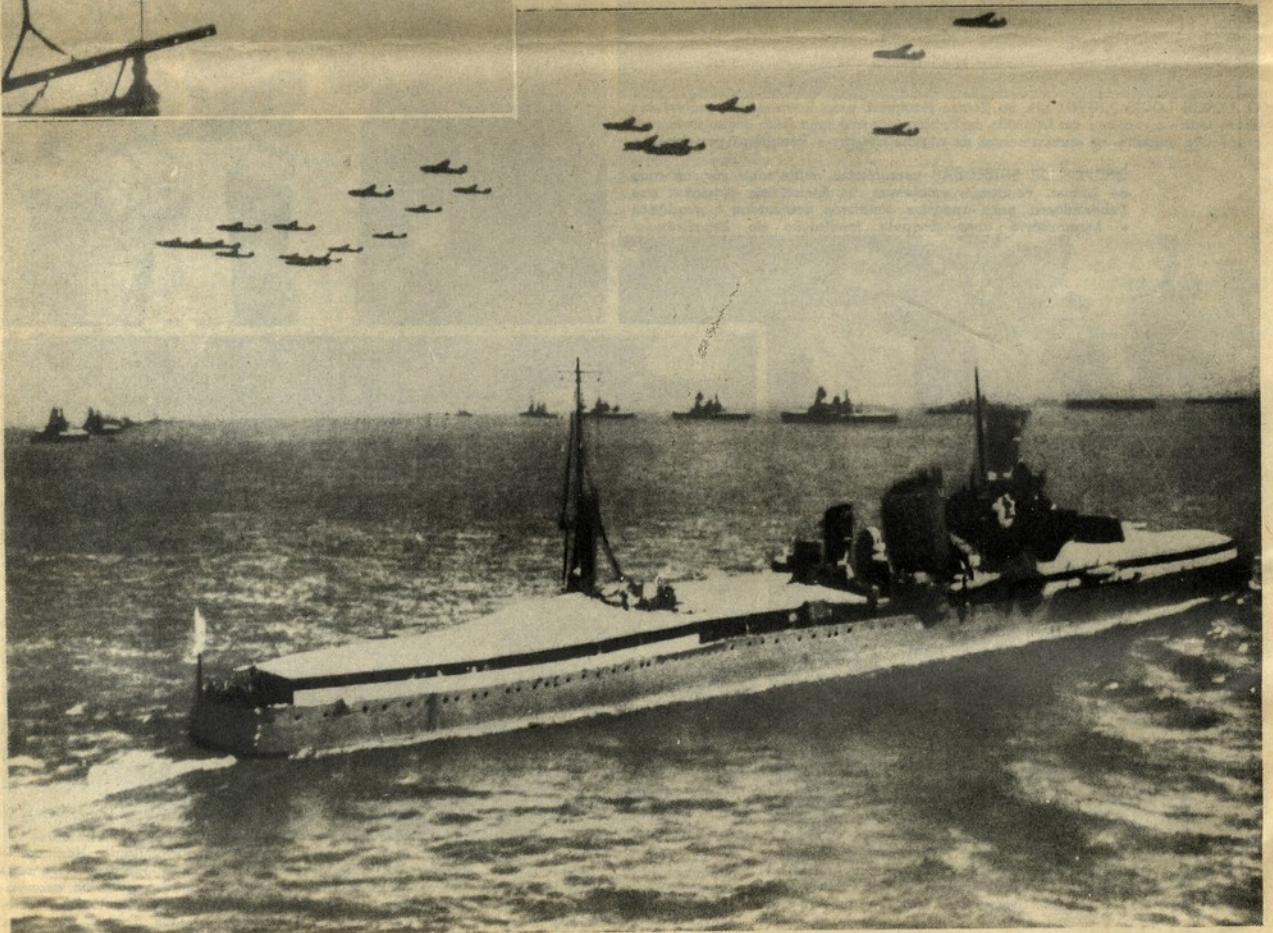
O THEATRO DO POVO — magnífica iniciativa do Secretariado da Propaganda Nacional — começou já a percorrer o país, levando às vilas e aldeias o encanto espiritual dos seus espectáculos. A foto mostra-nos um instante colhido na noite da sua primeira apresentação em Lisboa, antes da sua partida para a província. Nela se vêem os srs. António Ferro, Mário Marques, Matos Sequeira, Luiz de Oliveira Guimarães e Luiz Forjaz Trigueiros.

O JAPÃO

** potencia naval **



O IMPERADOR DO JAPÃO, de bordo dum navio de guerra, observa as manobras da sua esquadra. A Armada japonesa, está inactiva desde a conquista do litoral chinês.



A resistencia do povo de LONDRES



UMA FAMILIA DUM BAIRRO POBRE DE LONDRES vai, após o bombardeamento dos aviões alemães, ver o sítio onde fóra a sua casinha. Do lar destruído, restam só, aqui e ali, entre as pedras, os tijolos e os montes de calça, algumas recordações. «Isto era a porta do meu quarto», «aquêste era o espelho da mãezinha», «adém está um pedaço da cama do menino... Olha-se, com tristeza, para tudo. Mas a guerra é a guerra. E é preciso recomençar, é indispensável honrar a memória do pai que, menos feliz, foi apanhado pela explosão da bomba — e lá ficou. Eis um exemplo da admirável resistência dos londrinos, resistência heróica que tem enchido de asombro e tem feito curvar de admiração o Mundo inteiro.



NA CATEDRAL DE S. PAULO, uma bomba perfurou a abóbada e destruiu o côro e grande parte do altar-mor da igreja.



MAS O INGLÊS É TENAZ E OPTIMISTA. E, apesar dos «raids» alemães, a vida continua. Em cima, à direita, vemos uma cena curiosa: um estabelecimento, destruído por uma bomba, instalou uma sucursal — ao ar livre...

O CAFÉ DE PARIS era um dos locais mais alegres e frequentados da capital inglesa. Duas bombas destruíram-no, quasi totalmente. O chefe do «jazz» «Snake Hips», o maestro Johnson, morreu na explosão. Da sua orquestra, como se vê na foto, à direita, só se aproveitou uma guitarra havaiana. Mas os londrinos voltaram a frequentá-lo após acabadas as indispensáveis obras de beneficiação.



Calçada da glória...

RUI COELHO

UMA tarde destas, em certa pastelaria do Rossio, um grupo discutia a música de Rui Coelho. Uns aplaudiam-na; outros criticavam-na. Havia, porém, entre os presentes, um deles que a exaltou com paixão.

— Não conheço música mais gostosa no mundo! — dizia ele.

E justificou:

— Sabe a coelho com batutas...

BRINDES

OFEREÇO esta pequena nota aos autores da opereta *Lisboa:1900* em cena na *Variiedades*. No dia 3 de Janeiro, há 41 anos, realizou-se no teatro da *Trindade* o benefício dum dos mais populares actores da época, o actor Santinhos. Nesse tempo, ainda se davam brindes aos festejados. Aqui ficam para exemplo, alguns que o Santinhos recebeu nessa noite: uma abotoadura de brilhantes, de Júlio Caldas; uma cigarreira de prata, do actor Queiroz; uma carteira de coiro da Rússia, de João Moraes; um corte de fazenda, do empresário Taveira; uma fotografia com dedicatória, de Esculápio...

Bons tempos! Hoje nem já o meu amigo Esculápio oferece a fotografia aos actores e o original — às actrizes...

GUALDINO

OS ditos de Gualdino Gomes, mocidade eterna, dariam um volume. Ai vai um desses ditos, ao acaso.

Um dia, falava-se, diante dele, de certa senhora que, ao perguntarem-lhe a idade, respondera ingenuamente que «já vira passar vinte e duas primaveras...» Logo Gualdino:

— Pobre senhora! Já cegou pelo menos há quinze anos...

GOYESCA

REALIZOU-SE há dias no *Campo Pequeno* uma corrida a que a Empresa quis chamar «Goyesca» e que a reclamou revestida dum desusada magnificência. O espectáculo parece não ter, entretanto, correspondido ao reclame exagerado que dele se fez. Quando o cortejo, aliás dum pobreza franciscana, desfilou na praça, ouviu-se uma voz, autêntico reflexo do clamor geral:

— Ao menos cantem a «Balalaika»!

O IRAQUE

FERREIRA de Castro realizou há dias, no S. Luiz, uma conferência sobre este estranho país do Médio-Oriente. Alguém, a quem ele ofereceu generosamente um bilhete, perguntou-lhe, a propósito do traje que devia levar à conferência:

— É de fraque?

Resposta de certa pessoa que estava ao lado:

— Não. É de Iraque!

PREMIÈRES

NO dia da primeira representação do *Pátio do Vigário*, no Avenida, dizia-me João Bastos, pálido de pudor:

— Noite de *première* de peça minha, tenho a impressão de que cometi um crime — e de que policia anda à minha procura...

VERSOS E REVERSOS



Há quem afirme que as mulheres que se entretêm a escrever melhor fazem-se se entretivessem a bordar. Nem sempre esta opinião é exacta. Existem, na verdade, muitas mulheres que são péssimas escritoras, mas outras há — temos de reconhecê-lo — que, comunicando à «sua literatura» as suas próprias características femininas, se convertem, embora à primeira vista paradoxalmente, em excelentes homens de letras.

Eis o caso de Fernanda de Castro. Esta rapariga culta, inteligente, sempre risonha, levou quarenta anos para chegar pontualmente aos vinte, mãe de dois filhos que, sem favor, podiam ser pais dela, é, literariamente, pela segurança de seus versos, pela nitidez do estilo, pelo «savoir-faire» da sua prosa e dos seus textos — qualidades que o Adão académico reivindicava em exclusivo para o seu sexo — não uma escritora, mais ou menos improvisada, mas um real e autêntico escritor. Simplesmente esse escritor usa saias, pintas os lábios, faz as sobrancelhas — e ondula-se com permanência. Quere dizer: essa mulher é intelectualmente um homem; esse homem é elegantemente uma mulher.

Toda a sua obra, desde *A Cidade em flor às Danças de Roda*, reflecte esta desconcertante dualidade. Os seus livros têm qualquer coisa de bengala «pomme d'or» — e de renda de bilros. Fernanda de Castro dá espiritualmente o braço a Fernando de Castro — que é afinal (curiosa coincidência) o pseudónimo doméstico de António Ferro. — «Mas não terá defeitos esta senhora?» — está já a perguntar o leitor impaciente, convencido de que esta página deve possuir a picante ferocidade das abelhas. Defeitos certamente que os tem. O que seria mesmo do mundo, se não fossem os nossos defeitos! Mas em Fernanda de Castro há, literariamente, uma qualidade que vale ouro: o amor pela nossa língua. Só é pena que às vezes ela se esqueça disso — decerto pelo hábito oficial de falar línguas estranhas. Ainda há dias — o que ela ri depois! — ao convidarem-na para fazer parte dum comissão destinada a pugnar pela vernácula pura da nossa língua, respondeu com a maior convicção deste mundo:

— All right. Con mucho gusto, l'adore le portugais...

O ESPIRITO DE LEÃO XIII

OPápa Leão XIII — cuja figura tanto agora se tem recordado a propósito da célebre enciclica *Reverum Novarum* — foi sempre um homem de espirito. Um dia, era ele ainda cardinal, o marquês de X... mostrou-lhe uma caixa de rapé, obra preciosa, em cuja tampa havia uma miniatura representando uma mulher semi-nua.

— Que lhe parece, Eminência?

— Nada posso dizer-lhe, marquês — respondeu o futuro Pápa — sem saber se esta miniatura representa a senhora marquesa...

LINHA DE DEFESA

ALMEIDA Amaral, conhecido escritor de teatro e solteirão *enragé*, tem uma criada, mulher já de certa idade, e que constitui para o seu illustre patrão uma verdadeira linha de defesa.

Há dias, bateu à porta de Almeida Amaral um sujeito com o ar de cobrador.

— O sr. Almeida Amaral?

A criada:

— Salu...

— Era por causa dum dinheiro que eu lhe desejava entregar...

Imediatamente a criada:

— Salu... mas já voltou!

LEAL DA CÂMARA

ILustre caricaturista — naturalmente já sabem — fez da Rinchôa, na linha de Sintra, a sua segunda Pátria. Agora vai construir ali uma autêntica cidade, para o que já comprou o terreno — e até um rio... O concelho de Sintra encontrou decididamente em Leal um grande urbanizador. Até já lhe chamam por lá o Leal da Câmara... Municipal!

COMENTÁRIO

UM enterro passa sob as janelas da *República*, na Rua da Misericórdia. Comentário do administrador do jornal, António Maria de Carvalho:

— Oxalá não seja o enterro de algum assinante...

A CADEIRA

DIZIA-ME uma vez um domador de leões:

— Sabe qual é a primeira coisa com que se querem domesticar? Uma cadeira. A fera começa por cheirar, de longe, o objecto; pouco a pouco vai-se aproximando; mira-o; remira-o; e acaba por imaginar pacificamente que ali há feitiço...

Seria por tudo isto que puseram o nome de *cadeiras* às disciplinas universitárias? Mas, nesse caso, quais serão as feras?

JOÃO DE DEUS

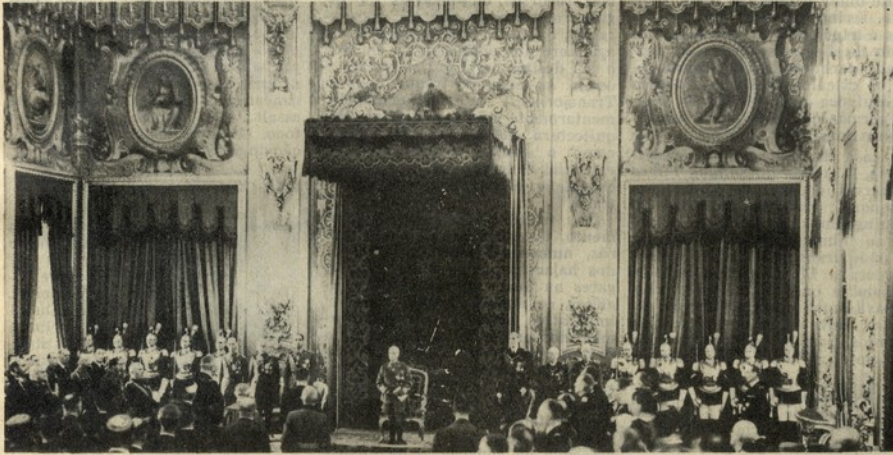
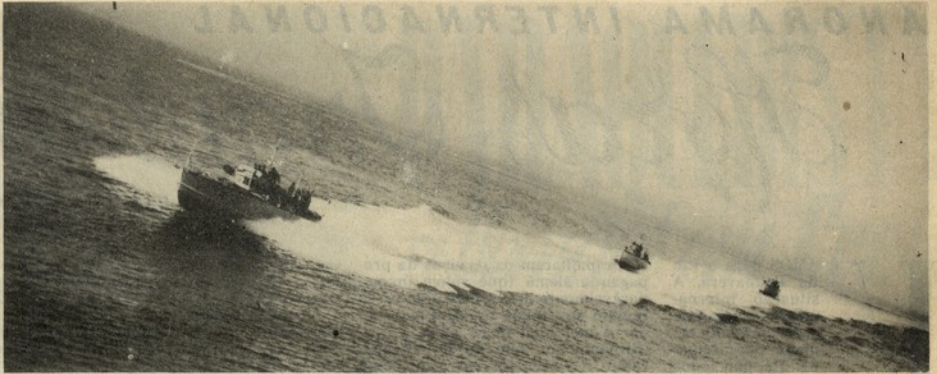
A primeira vez que Barjona de Freitas deu aula na Universidade de Coimbra postou-se à porta da sala recebendo, segundo a praxe, a reverência dos discípulos. Nisto, vê entre eles João de Deus, seu antigo condiscipulo. Não pôde conter-se e exclamou:

— Pois tu és ainda estudante, João! Há quantos anos...

— Então que queres?! — respondeu o grande poeta. Isto para mim é o cerco de Troia!

Um S' Oliveira...

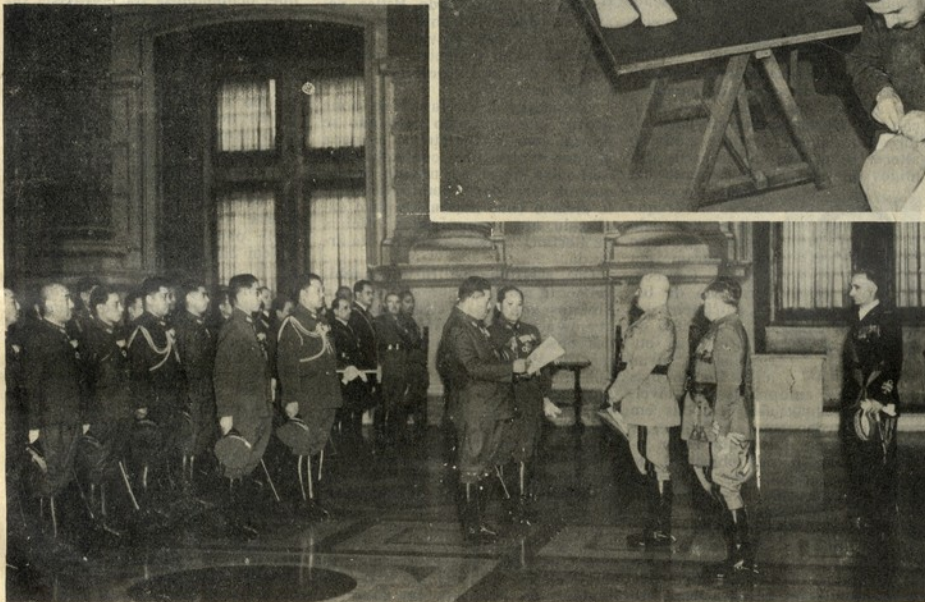
AS VELETAS RÁPIDAS estão destinadas a um importante papel nesta guerra. Alemães, ingleses, americanos e italianos constroem-nas em grandes quantidades e empregam-nas com os mais variados fins. A foto que publicamos mostra-nos uma formação de vedetas rápidas da Marinha de guerra italiana em acção no Mediterrâneo contra barcos de guerra inimigos.



O REI DA ITALIA preside na sala do trono do Palácio do Quirinal de Roma à histórica cerimónia da designação do Duque de Spoleto para rei da Croácia — uma nova nação europeia, sacrificada ao povo iugoslavo.

Imagens da ITALIA na guerra

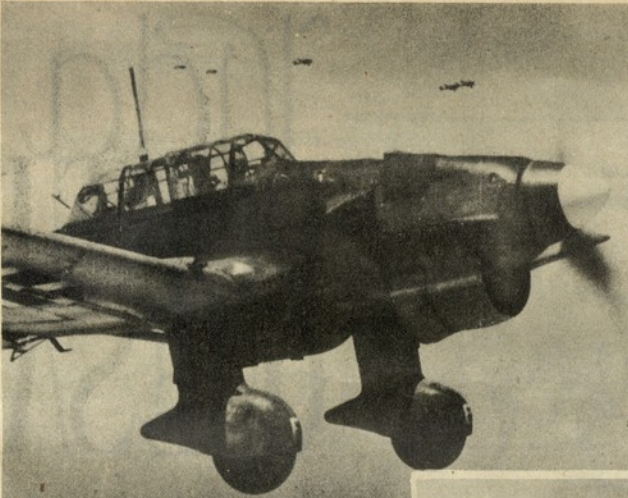
OS SOLDADOS DA AVIAÇÃO ITALIANA exercitam-se para a formação de batalhões especiais de paraquedistas. Vemos aqui alguns deles procedendo à complicada operação de colocar o paraquedas no seu respectivo invólucro.



O CHEFE DO GOVERNO italiano recebe, no Palácio de Venesa, os cumprimentos dos membros das missões militar e naval japonesa que foram à Itália para observar os pormenores da guerra europeia.

PARAQUEDISTAS

Alemães em Creta



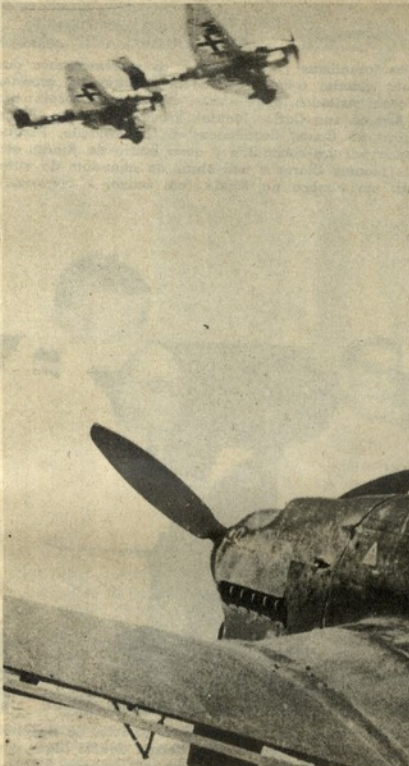
PARAQUEDISTAS ALEMÃES E TROPAS TRANSPORTADAS DE AVIÃO ocuparam a ilha de Creta, vencendo a admirável resistência das forças do general Freyberg. Damos nesta página um documentário inédito do que foi, nessa operação militar, a acção dos paraquedistas. Aviões do Reich, provenientes dos Balcãs, atingem as costas da ilha e lançam milhares de soldados.



OS PARAQUEDAS ABREM-SE e, dos «Junkers», saem, ininterruptamente, homens armados e equipados, que se concentram e começam imediatamente a tomar posições para se proteger do inimigo.



O ESTADO MAIOR das forças alemãs aterradas, que também foi lançado de avião, reúne-se e principia a dirigir as suas numerosas tropas por meio da rádio.



AOS AERÓDROMOS já ocupados pelas tropas alemãs, chegam constantemente aviões que trazem grande número de forças alpinas e especialistas. Entretanto, os paraquedistas, com o auxílio das suas metralhadoras, principiam o avanço.

Vida PORTU GUESA

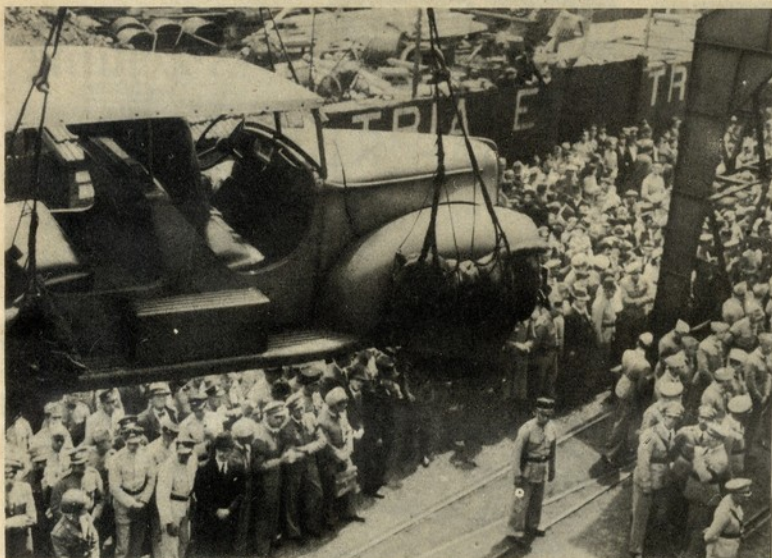


LILIAN HARVEY, que foi grande artista do cinema europeu, chegou a Lisboa há dias, convalescente dum recente desastre que sofreu. Vêmo-la na foto, acompanhada de alguns jornalistas portugueses, pouco depois da sua descida do avião no aeródromo de Sintra.

A CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA convidou há dias os jornalistas portugueses e os representantes das agências telegráficas estrangeiras para um passeio pela cidade, a-fim-de poderem admirar os grandes melhoramentos ultimamente realizados pelo Município. Foram visitados, entre outros, os seguintes locais: rua Luciano Cordeiro, avenida Almirante Reis, Mercado de Arroios, rua Carlos Mardel, Praça do Areeiro, Praça do Chile, Praça da Portela e acesso ao aeroporto; bairro de Casas Económicas da Encarnação, Parque Florestal do Monsanto, obras da auto-estrada, o local onde vai ser construído o novo bairro da Ajuda, etc. Damos, em cima, dois aspectos da visita: no miradouro de Montes Claros e nas obras do aqueduto da auto-estrada no Alto do Carvalhão. O passeio terminou com um almoço na Ajuda (em baixo, à esquerda).



O SR. DR. MANSO PRETO DA CRUZ tomou posse do cargo de director do Hospital da Marinha, em substituição do sr. dr. Júlio Gonçalves que deixou aquêl lugar por ter sido atingido pelo limite de idade. A oficialidade e o pessoal daquêl estabelecimento hospitalar prestaram homenagem aos dois ilustres oficiais e médicos, que se vêem na foto durante a sessão solene que, por essa ocasião, se efectuou.



EM CIMA: Dois aspectos do embarque de novos contingentes de tropas e de material para reforço da guarnição militar dos Açores. — À DIREITA: A selecta assistência à sessão inaugural da VII reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa no anfiteatro de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Lisboa — na qual se vêem os melhores anatomistas e histologistas portugueses.



EM CIMA: Dois aspectos da homenagem do regimento de infantaria 1 aos mortos da Grande Guerra, junto do monumento da Avenida da Liberdade. À DIREITA: Os naufragos do vapor de pesca português «Exportador 1», que foi bombardeado no dia 1, quando regressava das pesqueiras de Cabo Branco, por um submarino de nacionalidade desconhecida. Morreram a bordo o 1.º maquinista e o mestre das rédeas. Os restantes membros da tripulação vieram para Lisboa. — (Fotografias feitas com película «Ferrânia»).





B.B.C. A VOZ DE LONDRES B.B.C.
FALA
E O MUNDO ACREDITA
 Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Hora de voo	Estações	Ondas curtas
13.15 Noticiário	GRZ	13,86 m. (21,64 mc/s)
	GSO	19,76 m. (15,18 mc/s)
13.30 Actualidades	G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
22.00 (*) Noticiário	C S C	31,32 m. (9,58 mc/s)
	C S B	31,25 m. (9,51 mc/s)
22.15 Actualidades	C R T	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V.



A CASA DO LIVRO-EDITORA apresenta
 o admirável álbum da vida de Bébé
UMA HISTÓRIA PEQUENINA
 com versos de Alice Ogando e ilustrações de Júlio de Sousa
 Cada página é uma ternura agualeira
 Cada poesia um momento de risonha emoção
 Bébé tem finalmente o seu livro em
UMA HISTÓRIA PEQUENINA
 a grande novidade literária e artística em edições de grande luxo,
 luxo e popular, todas igualmente a cores e ouro.
 É uma obra que a CASA DO LIVRO oferece às Mães Portuguesas
 para que nas suas páginas registem a Vida do seu Filho.
UMA HISTÓRIA PEQUENINA
 O GRANDE EXITO EDITORIAL DE 1941
 A venda em todas as livrarias aos preços de 150\$00, 70\$00 e 30\$00
 Pedidos à
CASA DO LIVRO-EDITORA — Rua do Ouro, 140, 1.º — Lisboa
 ou à sua depositária no Porto
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — Rua do Almada, 107
 e ainda nos
STANDS N.º 22 e 24 DA FEIRA DO LIVRO



O MARECHAL PÉTAIN, não obstante os seus 84 anos, continua a desenvolver, ao serviço da França, uma prodigiosa actividade. Vêmo-lo aqui, com alguns membros do seu governo, a receber os jornalistas americanos em França.

Distribuição exclusiva em Portugal:

Agência
Internacional

119, Rua S. Nicolau-LISBOA-Apartado 373

O casamento na CHINA



Apazado com muita antecedência, na China, o casamento celebra-se, em geral, no Verão. E, quando surge a Primavera, a jovem chinesa sorri para a Natureza que transforma campos e jardins em mantos de pétalas...



... É que a Primavera é, para ela, o anúncio da Felicidade. Começa então a tratar da casa e da indumentária. A decoração do lar e o atavio das vestes são obra sua. Depois, vem o casamento — melhor, os casamentos, pois as cerimónias, por medida económica, são, em geral, feitas em série. O acto é importante, o mais importante da vida. E os chineses, sempre meticolosos, costumam ensaiar a cerimónia várias vezes para que os noivos não se enganem nos usos da praxe... O «ensaio geral» é ridículo, mas emotivo.

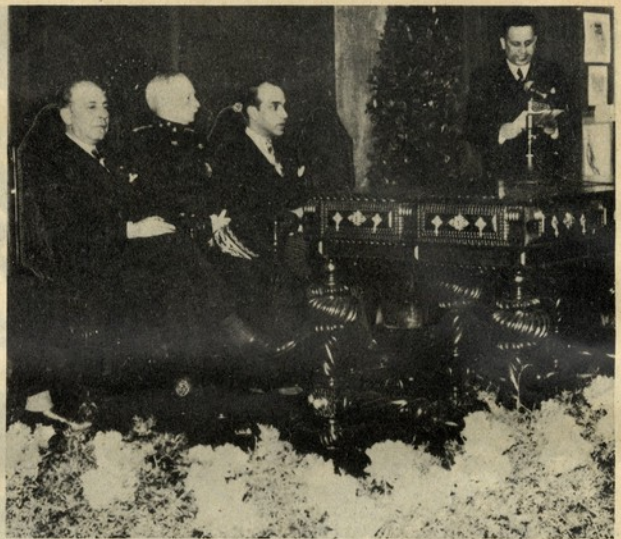
Finalmente, surge o grande dia. O cortejo nupcial organiza-se com todo o aparato, mas a jovem chinesa não é considerada ainda suficientemente importante para ir à direita do seu noivo... Ela veste de branco e leva na mão um ramo de flores silvestres colhidas por sua mãe nos jardins da casa. Ele traz no peito a flor artificial que é a sinal do noivado no seu país.



exija

DO SEU FORNECEDOR A LAMPADA QUE
MENOS CONSUME E MAIS FARTA LUZ
OFERECE. EXIJA LAMPADAS

PHILIPS




O I CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS NATURAIS inaugurou-se com uma sessão solene na Sociedade de Belas Artes, a que assistiu o Chefe do Estado.



A SOCIEDADE CORAL DE LISBOA tomou parte no concerto recentemente efectuado em S. Carlos, de homenagem à benemérita instituição Cruz Branca.

Confie o seu bem-estar e a sua saúde a um chá que tem dado largas provas da sua eficácia e completa inocuidade. Vita-Sana Ferba, merece toda a sua confiança.



As azias estomacais, o ácido úrico, o sangue sujo, as tonturas, vertigens, zumbidos, padecimentos, dores, erupções, comichões, prisão de ventre e muitas outras moléstias desagradáveis, não resistem a um tratamento de Ferba. O novo e ótimo chá Vita-Sana. Não tem dieta nem restrições.

Antes de se deitar, de manhã, em jejum, se pode depois das refeições beber uma chávena de chá VITA-SANA FERBA, o novo específico, puramente vegetal. O chá VITA-SANA FERBA é um remédio inofensivo. O seu paladar é comparável ao do mais fino chá das Índias. Um pacote de \$800 contém 20 chávenas. Exija porém FERBA, o pacote quadrado — a nossa nova embalagem.

Rumáticos, artríticos, hepáticos, nervosos, doentes dos rins, da bexiga, da pele, sífilíticos, etc., etc., o chá VITA-SANA FERBA é uma bebida sem igual.


VITA-SANA FERBA, composto de plantas escolhidas, vela pelo vosso bem-estar.

Depósito: FARMÁCIA INTERNACIONAL, LDA.
RUA DO OURO, 228-230 — LISBOA

Se não encontrar esta especialidade na sua terra, peça-a, por um simples bilhete postal, à Farmácia Internacional que a mandará sem acréscimo de despesa.

NOTE

NOVA EMBALAGEM



Ferba

DUAS PLANTAS MAIS



O PROF. CAMPOS COELHO no acto inaugural da sua exposição no S. P. N.



O CLUBE DE CAÇADORES DO PÓRTO ofereceu um banquete ao grande atirador português Tavares Valente, que regressou há dias de Madrid onde ganhou brilhantemente o campeonato de Espanha no torneio ultimamente ali efectuado.

O HUMORISMO DA VIDA REAL

O HÓSPEDE DO "UM" por Armando Ferreira

Nas horas amargas que o mundo passa, em transformação para mais justa ordem de coisas, sucedem extraordinários factos que ninguém jamais pôde imaginar em romances ou novelas. Contados, julga-os o leitor ficção ou imaginação do literato. Pela nossa parte, confessamos, que se fosse este episódio invenção nossa, davamo-lo como original. Assim, sendo verdadeiro, é apenas página de reportagem da Lisboa acolhedora e pétra de abrigo em 1940.

A porta do Hotel, em plena Avenida, parou o longo «Rolls-Royce». Os oitenta cavalos relincharam ao mesmo tempo quando o condutor lhe premiu qualquer órgão vital, e acabaram por se aquietar. Então, do lugar do «chauffeur» saltou um verdadeiro «lord», de sobretudo de pele de camelo, como muitos que vemos para aí (os sobretudo, é claro), «côco» castanho inglês (das cores que se usam em chapéus altos e côcos os ingleses continuam a preferir a castanha), améis de brilhantes em todos os dedos. Naquele saído móvel, que comportaria pelo menos dôze pessoas duma família burguesa em passeio ao domingo, não vinha mais ninguém. Embrulhos, caixas, atados de roupa, malas no porta-bagagens. Poeira, muita poeira internacional, porque o carro traz combinações de letras que nada significam em português. Sua excelência vem no êxodo. Tem um bigodinho à americana, mas o cabelo é negro e o olhar não é de espanto nem curiosidade.

O «groom» e o porteiro aproximam-se da porta.

— Monsieur? Pas de places... Desolé mais...

— Desejo um quarto, com casa de banho...

— Mas... Vossa Excelência fala português? Estamos cheios. Nem um lugar... desculpa-se com maior razão o homem dos botões brancos quando descobre que se trata dum compatriota...

— Pago o que quiser mas não saio daqui. Veja bem. Preciso um «appartement», seja por que preço for.

— Eu vou chamar o gerente — resolve o porteiro quando vê nos dedos do recémvindo aqueles brilhantes argumentos de muitos quilates.

O gerente, da família dos grilos, de fraque preto e colete de tal fantasia que parece papel pautado de música, traz o lápis, um bloco de papel e o sorriso de espertalhão que sabe aproveitar-se das situações.

— Impossível... Impossível. Cheios de estrangeiros. É para muitos dias? — Um mês ou mais. Pago o aluguer de seis meses se quiser. Aqui tem. Quanto é?

Abriu a carteira, e as notas de dólares esverdeadas fizeram desenvolver-se instantaneamente as faculdades do gerente.

— Só se fôr o «número um». Estava reservado para a Princesa Rikiki. Chega amanhã... É um quarto, saído de luxo, «toilette», casa de banho. 500 escudos por dia por pessoa...

— Está bem. Mande pôr as malas no quarto. E mande-me à Alameda levantar a bagagem. São trinta volumes...

— Oh! Quem devo registrar no livro dos hóspedes?

— Ezequiel Marques.

— Marquês?

— Não, homem, Marques. E diga-me cá, onde posso eu ir hoje ouvir uns fadinhos? Anjo com umas saudades...

O gerente coçou a cabeça e foi a pensar, depois de o ter elucidado: «parece-me que é melhor ir prevenir a polícia».

* * *

Jantava só, evitava conversas, mas a fama já corria de que era dono de «burra gorda». Os dólares continuavam a ser bons, as notas de conto não eram desvalorizadas, passava cheques com cobertura, as malas vinham cheias de preciosidades de que pagara fartos direitos e às perguntas com que o assediavam respondia invariavelmente: — Tive de desfazer a minha casa de

Mas o Marques limitara-se a sorrir, sem saber que dizer.

— Agora não posso. Estou a descansar. Vim sózinho por aí abaixo, quasi de baixo de fogo!

Entre as mulheres era o mesmo sucesso:

— Repara Lólió, que simpática! Mal empregado ser solteiro!

— Tem tipo de bruto, mas eu gosto dos homens assim, a valer. E este é de péso. Olha os «cachuchos»...

Elas sorriam-lhe e ele punha os olhos no chão. Chegavam a segui-lo, e assim, descobriram que o milionário andava a pé, parava em frente dos cartazes e aborrecia-se pelas ruas. À noite, viram-no entrar para o Olimpia, mas, para o cinema!

Quando o porteiro soube, pela bibliotecas das hóspedes do 14, donde ele vinha a coçar-se, comentou:

— O diabo! Hoje é que ele dorme acompanhado! Mal empregados len-

meu sossêgo, do silêncio à minha volta.

— Porque não sai no seu carro? Dizem que é um «Rolls Royce» digno de S. Magestade o rei de Inglaterra! Não tem «chauffeur»? Porque não toma um?

— Não tenho confiança em nenhum! Um carro daqueles precisa de quem o trate como uma joia.

— Então apareça na quinta-feira em minha casa! Jogamos o «bridge»... Um pouco forte, mas o que é isso para si? Joga o «bridge»?

— Só a busca lambida.

— Oh! que original!

— Onde viveu em Paris? Com quem se dava? Não tinha amigos?

— O barão de Rothbild era muito meu amigo. Passeava muito com ele.

— O que precisa é criar novas amizades na sua terra. Parece estranho! Com a sua fortuna não será difícil conseguir um casamento distinto.

Os cavalheiros destas cavalheiras olhavam-no sobranceiramente, mas intervinham:

— Vocês deixem o nosso querido amigo. Isto em um tipo cheirando a Paris, as madames caem-lhe em cima como moscas! Venha daí, Marques;

«você» bebe um «cocktail»? Um «whisky»?

— Para mim, senhor visconde, basta-me um copinho de tinto...

Marques sorria, diabólicamente, daquela gente que andava em redor da sua misteriosa personalidade.

A Esterzinha Pessanha, casadoira e fluída como um pecado nocturno da Costa do Sol, atreveu-se a perguntar-lhe, com os olhos «boquiabertos»:

— É verdade que você tem um afinete de gravata com uma pérola do tamanho de uma uva?

— É, mas...

O «groom» veio anunciar que estava no «hall», um homenzinho que queria falar ao senhor Ezequiel Marques.

— O gerente já lhe disse que o senhor não estava porque deve ser um refugiado para o «cavar». Mas o tipo teimou! É já velhote e de barbichas...

Ezequiel, amolro e indiferente, comprometido e modesto, reanimou a sua expressão; os olhos tomam brilho; larga os amigos e corre ao vestíbulo. Readquire personalidade, vive alegria.

— Ah! Monsieur le baron!

Especa-se em frente do homenzinho mal vestido, de barbichas e olhar ainda aterrado! E falam em francês.

— Estou contente de ver o senhor barão. Estava já inquieto pela sua demora. Felizmente chegou tudo bem. Trouxe o carro sem novidade. As joias da senhora baronesa, as preciosidades do senhor barão estão a salvo. A transferência do dinheiro fez-se com toda a facilidade. Nem em França, nem em Espanha, se perdeu qualquer coisa. O senhor barão precisa é dum banho e descansar. E eu também, senhor barão. Esta vida de gente rica é um aborrecimento! Ainda bem que chegou... meu patrão! Vou tratar do carro que bem precisa depois daqueles dois mil quilómetros!

— Merci pour tout, Márquês.

* * *

E o «groom» em surdina para o porteiro:

— Afinal é sempre o Marques! Mas que trapalhada!



Só se fôr o «número um». Estava reservado para a Princesa Rikiki.

Paris! Sai dois dias antes da ocupação. Se eu não fosse português não podia ter salvo a minha fortuna! Que viagem! Felizmente aqui estou...

— Adeus, ó Marques...

Era um sujeito de monóculo, cara de apreciador do maior produto nacional aos copinhos, que o assaltava.

— Sou eu. O Aparício. Não te lembra? Lembra sim. Andámos, na escola juntos. Foi na Politécnica, me parece. Tu andaste na Politécnica? Não? Eu também não. Então foi noutra qualquer escola. Isso pouco importa, contanto que nos lembremos que fomos companheiros do liceu. Está bom! Vamos dar uma passeata? Ao Estoril. Tu jogas? Danças? Apresto-te umas perúas...

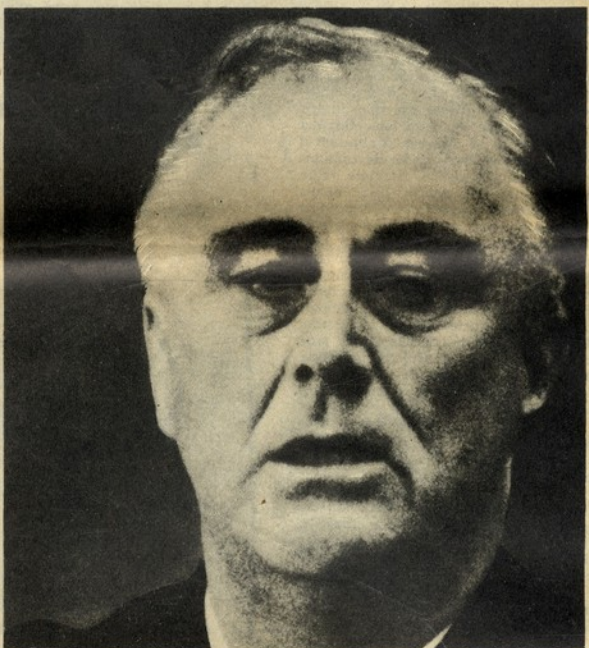
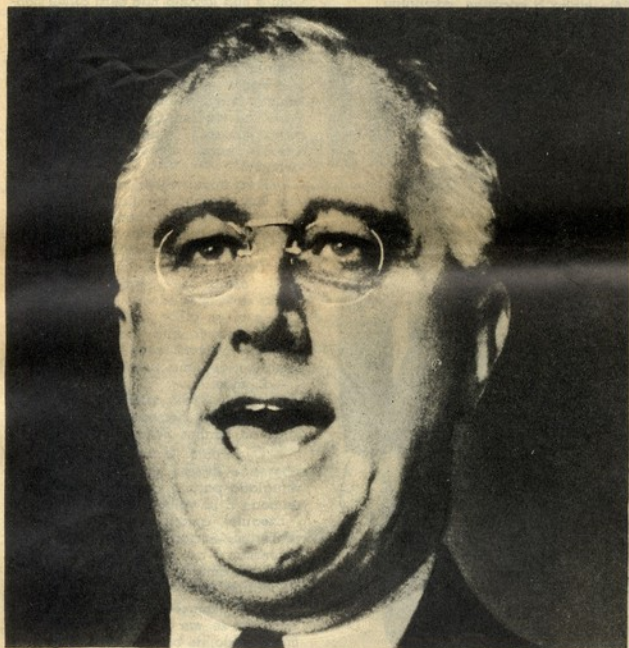
coís de linho para um tipo destes! Se calhar é espíto...

* * *

Dez dias depois, a viscondessa da Cruz Alta, dava uma pequena festa para introduzir, embora contra vontade, Ezequiel Marques na sociedade lisboeta.

A viscondessa, casada com um diplomata reformado, convidara para o hotel algumas amigas e amigos, que observaram Ezequiel dos pés à cabeça e o apalparam em abraços de amizade sincera.

— Oh! minhas senhoras, eu não mereço estas manifestações. Gosto do



FIGURAS DO MOMENTO INTERNACIONAL

Franklin
Roosevelt

PRESIDENTE DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS da América do Norte há 8 anos, tem ainda mais quatro à sua frente para terminar uma obra que empreendeu num momento excepcionalmente grave para a vida mundial. Franklin Roosevelt — de cuja fisionomia reproduzimos quatro expressões diferentes durante um dos seus recentes discursos — é uma caso único na vida do seu país. Político e orador, humanista e dirigente, dele se pode dizer que é figura que não esquecerá facilmente e cuja projecção na História mundial será tão grande como foi a dos grandes chefes e orientadores do povo norte-americano.



TRES ASPECTOS CURIOSOS DA VIDA DE FRANKLIN ROOSEVELT:
 Em cima, durante uma reunião familiar na casa do Wyde Park, o Presidente com a esposa, os filhos, Franklin e John, e as noras. Ao centro, uma das animadas reuniões semanais de Roosevelt com os jornalistas nos jardins da Casa Branca. Em baixo, o Presidente conversando animadamente com a sr.^a Roosevelt durante um passeio de automóvel.

A felicidade não espera

Uma novela
de amor
por Alice Magalhães

NÃO é uma velha a mulher que acaba de se apeiar do combóio e, todavia, torna-se difícil definir-lhe a idade. Trinta? Quarenta anos? Mais, não. É alta, elegante, olhos negros onde brilha o fogo vivo dos desejos e das esperanças. A boca rubra, de lábios um tanto grossos, empresta-lhe frescura, mocidade ao rosto

um tanto macerado, denunciando vestígios de sofrimento recente. Na sua cabeleira negra e farta, brilham já uns fios de prata. Tem o passo firme e resolutivo e, quem a vir, pode dizer, convencido: aquela mulher caminha para a felicidade.

Um dos raros moralistas que esperam passageiros oferece-lhe o «taxi».

Ela recusa com um gesto e segue o seu caminho, maleta na mão e passo lento. Parece não ter pressa de chegar ao seu destino.

E, na verdade, Carlota de Monforte não tinha pressa. Os seus olhos, amorosamente, pousavam em tudo que a rodeava. Sorridava cada árvore com um sorriso, como a uma velha amiga e, em cada casa, caída de branco, casta e sorridente, ela demorava o olhar como para se certificar de que tudo estava na mesma, de que a sua aldeia não mudara de aspecto, como ela quisera não ter mudado também.

A recém-chegada pôs-se a subir a íngreme ladeira que começava em frente da estação e ia dar ao Solar dos Cisnes. Ao passar perto da pequena fonte que, cá em baixo, oferecia o seu frescor a quem passa, Carlota pousou os seus olhos negros naquela água cristalina que jorava mansamente da velha fonte, olhando como menina melancólica.

Tantas recordações, tantas! Ah! mas a vida encaminhara-a enfim para o seu verdadeiro destino e ela voltava segura, confiada de que tinha a felicidade à sua espera.

Coisa curiosa: Desde que abalara, sentia-se envelhecer dia a dia e, de súbito, voltava atrás e via-se outra vez menina, apenas com mais compreensão humana, mais conhecedora do mundo e das suas ciladas, sabendo gozar enfim a dádiva de um grande afecto.

Aproximou os lábios secos da água cristalina e teve a sensação de a beijar, a essa água eternamente moça que continuava a oferecer-se, serena e boa, como há oito anos. Mirou-se na água espectral e viu o seu rosto. Achou-se mais nova, melhor, fresca como a água, igual ao passado. Como é bom dar um salto sobre o tempo, voltar ao ponto de partida e recomeçar!

Pôs-se de novo em marcha, lentamente, e o passado acudia-lhe à memória à medida que se aproximava do Solar.

Viu-se nova, muito nova, vestindo já o luto da vividez. Seu marido, vinte e cinco anos mais velho, com quem a levaram a fazer um casamento de conveniência, resolvera prudentemente restituir-lhe a liberdade, desaparecendo do número dos vivos.

Mas, para que da sua passagem na vida d'ele ficasse alguma coisa, o usurpador da sua mocidade deixara-lhe nos braços a pequena Joaquina, essa que ela desejaria que pudesse ser, de futuro, todo o seu amor.

E assim passou um ano lento e triste em que ela tentara baldadamente ser mãe. A mulher moça que vivia em si, reclamava imperiosamente os seus direitos, mais do que amor — que encontraria talvez bem perto de si — pedia-lhe vida, agitação, prazer.

De Lisboa, vinham-lhe cartas aliantes escritas por alguém que dizia querer-lhe muito... Hesitava ainda entre deixar a filha e partir, quando, certa noite, um facto singular veio acordar os seus nervos adormecidos e dizer-lhe até que ponto era ainda mulher.

E, ante os seus olhos, a cena repetiu-se.

Fazia um luar magnífico. Ela, ponderando mais uma vez as promessas de ventura que lhe vinham de longe, passeava no jardim solitário. De súbito, Paulo, o jovem médico da terra, amigo íntimo da casa, surgiu na sua frente.

Ela sobressaltou-se:

— Que aconteceu, Paulo. Joaquina...

Ele tranquilizou-a:

— Sossegue, não é da pequenita que se trata, Carlota, é que eu resolvi hoje não aceitar mais a intimidade de sua casa sem lhe dizer a verdade que calo há tempo... sem saber porquê. Eu gosto de si, Carlota, quero ser minha mulher?

Ela riu. Há muito adivinhara o sentimento que Paulo acabava de lhe confessar com tão juvenil entusiasmo. No fundo, lisonjeava-a um bocadinho aquela corte discreta e tímida.

Atendendo aos seis anos que tinha mais do que ele, Carlota tomou um ar maternal e respondeu:

— Não seja criança, Paulo. Bem sabe quanto o estimo, mas é por enquanto minha intenção não casar... Depois...

Ele não a deixou continuar:

— Depois... entre mim que a amo e o barão de Monforte que, sendo primo de seu marido, não teve pejo de a cortejar sempre, a Carlota não hesita...

Entre o homem que a ama e aquele que a deseja, escolhe o último, é natural...

Ela encarou-o com severidade:

— Ouça, Paulo. Admitindo que é verdade o que diz que direito tem...

Não foi ele que a interrompeu mas o ardor da sua mocidade, o fogo da sua paixão:

— Que direito tenho? O que me dá a verdade do meu amor por si. E se isto não basta, Carlota, tenho o direito da minha amizade que me obriga a dizer-lhe que o barão é um aventureiro, um...

Ela gritou:

— Cale-se. Não é digno de um homem de bem insultar quem não se pode defender.

Paulo reconheceu a sua culpa, mas sentia bem que Carlota corria perigo, por isso resolvera falar. E já que não devia dizer-lhe o que sabia do outro, dir-lhe-ia tudo de si próprio.

A figura de Carlota, agora batida de luar, era quasi irreal.

Então, o seu entusiasmo falou por ele. Sentia-se capaz de todas as ousadias, de todas as renúncias. Herói, santo, mártir ou criminoso, tudo ele seria por obra de um raio de luz que vestia Carlota de sonho. Tudo era irreal naquele momento: ele, a mulher, o cenário, o próprio amor.

Ela estava agora tão próximo que o perfume de aquele corpo amado emana, entontecia-o como um vinho capcioso. Sentia-se possesso de amor e de volúpia. E as palavras que Paulo disse então tinham um tal timbre de verdade que, oito anos volvidos, estavam ainda indelévelmente gravadas na memória e no coração de Carlota. Aos seus ouvidos, a voz d'ele voltou a murmurar, como se o tivesse à sua beira:

— Amá-la-ei sempre, Carlota, hoje, amanhã, toda a vida. Um homem como eu não muda. Sei que vai partir para os braços d'esse homem que é para si a ilusão. As mulheres não vêem nunca a felicidade onde ela está, com essa ansia de correr atrás do sonho. Sei que o meu amor não a poderá deter. Vá. A sua pequena Joaquina está quasi restabelecida, se é por isso que esperava. O meu dever de médico obriga-me a dizer-lhe que nada tem a recear. Vá se é esse o seu destino. Aqui, ao meu lado, podia ser mulher e mãe. O outro quer só a mulher. Pobre Joaquina... mas não imagine que quero entrecê-la... Vá, sim, mas longe o perto, amanhã ou daqui a muitos anos, saiba que existe um coração inteiramente seu.

Ela balbuciou, em voz sumida:

— Mas quem lhe disse que eu parto? É uma fantasia sua, sem razão.

— A Carlota bem sabe que eu sei que é verdade, que todos o sabemos nesta casa, sua sogra, os criados... até a pequena Joaquina parece adivinhar



De costas voltadas para a grade, um par de namorados trocava juras de amor

que vai perder qualquer coisa, tão triste anda...

Ela estava tão perto que ela sentia no rosto aquela respiração ofegante. O luar fazia dos dois agora um floco de luz.

Num gesto brusco, ele pegou-lhe na mão que levou aos lábios, num beijo que tinha o desespero de um adeus. Carlota estremeceu. Coisa estranha: ela não amava Paulo e, todavia, sentia esse beijo no coração, a sua carne moça vibrou como nunca. Quando voltou a si da singular emoção, ele tinha desaparecido.

De Lisboa veio uma carta mais insistente e ela partiu sem tornar a ver Paulo.

Só a uma promessa, o barão não faltou: a do casamento. Carlota era bastante rica e ele bastante arruinado para que desprezasse tão preciosa presa. Mas a verdade em breve caiu dos olhos razos de lágrimas da pobre Carlota. Egoísta, vaidoso, vulgaríssimo conquistador de toda a espécie de mulheres, o barão em breve passou a deixá-la só com as suas recordações.

E, nas noites de vigília, desiludida, triste, Carlota recordava as palavras de Paulo, o fogo da sua paixão.

Da sua aldeia, chegavam-lhe cartas lacônicas da sogra: a filha estava bem, linda, uma mulher.

Então, Carlota pensava, com espanto, em como podia estar uma mulher aquela garota que deixara com oito anos! Ai! o tempo!

Sentia-se culpada para com a pequenita, a quem não se atrevera a voltar a ver. Trocava-a por um estranho e ela já tinha fôde para compreender o que havia de monstruoso neste procedimento.

E ela não tinha coragem de lhe dizer: eu queria viver, viver, viver!

Mas, quanto mais se sentia desgraçada e só, mais as palavras de Paulo a perseguiram como uma obsessão: «Hoje, amanhã, toda a vida»...

Uma cantora de ópera, roubando-lhe o marido, restituíu-lhe a liberdade.

Tinham passado oito anos. Carlota encontrou-se outra vez sózinha, e agora os seus braços vazios não embalavam, como outrora, a pequena Joazinha.

Sózinha! Então, lembrou-se que, lá longe, uma filha e um amor lhe estendiam os braços.

E a esperança voltou a cantar no seu coração. Chegaria de surpresa. A sua exaltada imaginação, a ânsia que sentia de uma nada de ventura, fê-la imaginar a filha, contente, estendendo-lhe eternamente os braços e ele, aquele que fora, afinal, o seu maior amor, apertá-la ao coração e repetir como dantes: «Hoje, amanhã, por toda a vida!».

Tinha agora 38 anos, mas o espelho dizia-lhe que não deixara de ser bela.

O «Deus a salve» de um camponês que passou a seu lado, fê-la voltar a si. Uns passos mais e o velho Solar surgiu ante os seus olhos, visão conhecida e amiga que parecia também sorrir-lhe nas rosas brancas que cobriam o gradameento.

O coração batia-lhe agora desordenadamente. Tinha anoticiado e o luar banhava a terra com a sua luz de prata. Era o passado que voltava! Parecia-lhe que nunca dali saía, que voltara atrás e até que ouvia a voz dele, do Amor. Sim, afinal, Paulo fora o único amor, dizia-lhe a recordação daquele beijo que um dia sentiu na sua mão e lhe acelerara o sangue, num frêmito de amor.

Cada vez mais a medo, Carlota aproximou-se. Agora, se estendesse as mãos, tocaria nas grades que as rosas cobriam. Ficou parada um momento, diligenciando vencer a súbita cobardia.

De repente, chegou até ela o som de vozes. Perto, dentro do jardim, um homem e uma mulher falavam, ou antes murmuravam qualquer coisa que ela não conseguia perceber. O luar era cada vez mais claro. Carlota afas-

lou a trepadeira e espreitou. Ao princípio, não pôde crer no que os seus olhos viam, julgava-se vítima de um pesadelo, de uma alucinação.

As palavras, que pouco antes eram só um murmúrio, avolumavam-se e chegavam-lhe distintamente aos ouvidos.

De costas voltadas para a grade, um par de namorados trocava juras de amor. Ela era esguia, grácil, delicada; ele robusto, alto, elegante. A voz daquele vulto, embora semelhante à de outro, era um nadinha diferente, só o entusiasmo, a mocidade era a mesma. Ele dizia:

— Meu amor, a certeza de que me queres bem é a vida para mim...

Carlota estremeceu. Falando de amor, a voz voltava a ser igual.

Ele continuou, cingindo a cintura fina da rapariga:

— O meu coração é inteiramente seu, Joazinha. Hoje, amanhã, eternamente.

Uma vozinha de criança, musical e doce, repetiu, como um eco:

— Eternamente, Paulo!

No céu, muito azul, acenderam-se novas estrelas, fachos luminosos saudando um amor nascente.

O par agora tinha-se voltado... Carlota via-os bem...

Tudo era igual, tudo era o mesmo, as palavras, o entusiasmo que as ditava, o homem, a mulher.

Por momentos, sentiu uma grande amargura no coração... Oh! Como é pequeno o «eternamente» de um homem...

De dentro do jardim, chegou até ela uma gargalhada feliz, infantil. Estremeceu. Era o seu riso antigo... Então, ele não a traira, era a ela ainda que amava hoje, que tinha amado ontem, que amaria eternamente! Era ela sim, bem se via, na rapariga que lhe enlaçava, ela mais nova, tal como Paulo a merecia. Tudo era o mesmo, tudo, até a mocidade! Deus seja louvado, ela não envelhecera. Oh! a vida não se engana. Ela, se aparecesse, seria o passado, a desilusão. A filha, essa era a esperança, o presente, mais ainda, o futuro!

Cumprira-se assim o seu destino, ela dava-se a Paulo inteiramente, pura e linda, sem passado.

Pegou na maleta que pousara e começou a descer a ladeira que subira há pouco... De seus olhos, como da fonte velhinha, a água caía em fio... Não batera àquela porta, não perturbaria aquela paz. Ela pertencia ao passado, devia desaparecer, dar passagem ao presente... à vida. Sentia-se menos criminosa em face da filha que abandonara. Deixava-lhe o amor.

Carlota compreendeu dolorosamente que a felicidade não espera. Quando ela passa ao nosso alcance, é preciso agarrá-la bem.

Quando chegou cá abaixo, a fonte cantava ainda. Parou a escutar o seu murmúrio. Era uma voz. Quem sabia se lhe dizia, no seu doce falar: «Coitada! Coitada!» Compreendia que, dentro de si, qualquer coisa tinha morrido...

Mirou-se outra vez na água da fonte, agora toda batida pelo luar. Sorriu, tristemente. Como era velha! Como envelhecera desde há pouco! Como era velha, principalmente, comparada com aquela criança que tinha a sua voz, o seu rosto, o seu corpo e que ouvia, como ela ouvira, um doce «eternamente!».

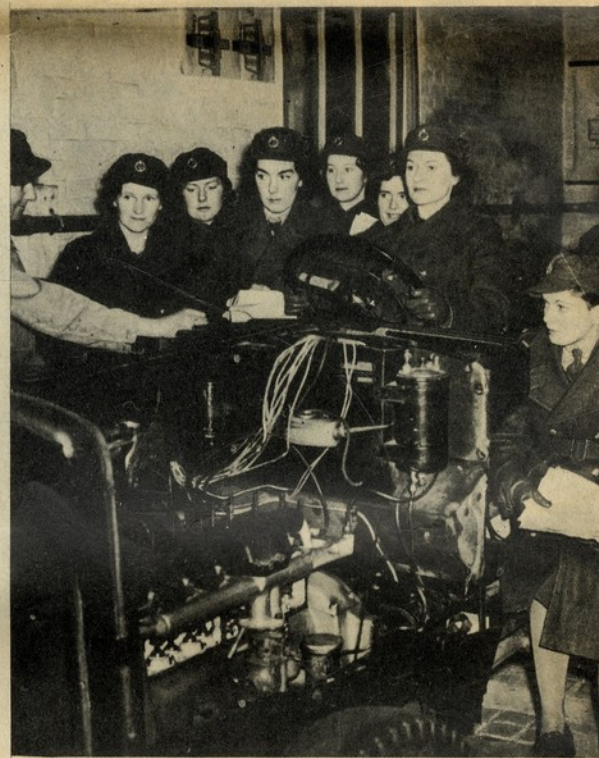
A sua volta, o silêncio da noite pesava como uma montanha. Só a fonte, no seu eterno cantar, quebrava o silêncio angustioso.

Então, Carlota, sózinha, pequena ante a imensidade da noite e da sua desilusão, deixou-se cair, vencida, junto à fonte velhinha e, mergulhando as mãos ávidas na água que jorrava, soluçou:

— Porque não hei-de eu ser como tu, sempre menina, como ontem, como hoje, eternamente...



A MULHER INGLESA CONTINUA A DESEMPENHAR PAPEL IMPORTANTE NO AUXÍLIO AO ESFORÇO DE GUERRA. Na foto, vê-se a sr.^a Mackenzie-Grieve, superintendente do Real Serviço Naval Feminino, falando com a sua secretária.



A CONDUÇÃO DE VEÍCULOS É UM DOS SERVIÇOS AUXILIARES QUE EMPREGA MAIOR NÚMERO DE MULHERES. E como, para se ser boa condutora, é preciso conhecer profundamente a mecânica, as mulheres que se destinam a esse mister receber lições práticas que lhes dão completo conhecimento dos órgãos do automóvel. A foto mostra-nos um aspecto dum desses cursos.



O último encontro no BRENNER

Vida
MUNDIAL
e ilustrada

HITLER E MUSSOLINI encontraram-se mais uma vez — a sétima desde o princípio desta guerra. Desta feita, o local da entrevista entre os chefes da Alemanha e da Itália foi o desfiladeiro do Brenner, na fronteira dos dois países, onde já anteriormente se haviam efectuado conversações entre os dois estadistas. A foto mostra-nos um instante do histórico encontro.